

Identidade e melancolia: onde está a criança que vive no adulto?

RESUMO

Pensa-se no mundo adulto como realidade feita pelas responsabilidades de lugares sociais inflexíveis. Porém, sentimentos de solidão e de melancolia podem funcionar como indicativos de qualidades da infância que ressurgem e redimensionam as subjetividades maduras. Princípio do prazer e princípio da realidade entrecruzam-se, pois, sem que a espontaneidade e o caráter proteiforme da criança desapareçam na identidade adulta.

Palavras-chave: infância; mundo adulto; melancolia.

Se encararmos nosso mundo adulto do ponto de vista de suas raízes na infância, ganhamos uma compreensão interna da maneira pela qual nossa mente, nossos hábitos e nossos conceitos se estruturaram a partir das fantasias e emoções mais complexas e elaboradas.

Melanie Klein. O sentimento de solidão, 1975. p.28

Gaston Bachelard, em seu ensaio *Os devaneios voltados para a infância*, fala-nos que permanece um núcleo de infância na alma humana, "uma infância imóvel, mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação" (1988, p. 94). Assim, acontecimentos e valores, que emolduram nosso presente de pessoas adultas, manteriam

Compreendendo por infância o período que não cessaria em uma determinada idade e, sim, continuaria com sua maleabilidade constitutiva e funcional por toda a vida do sujeito.

contato com aquela fase na qual podíamos assumir variadas facetas comportamentais, antes dos fragmentos existenciais serem forçados a ficar coesos e exclusivos em torno de uma forma singular, que pensamos ser nossa personalidade única.

No correr da vida adulta, ficamos no dever de manter e assegurar um núcleo duro de subjetividade, que atue de modo esperado e produtivo pelas relações consensuais de nosso meio social. No entanto, de vez em quando, somos tomados por um sentimento de solidão e de inoperância, traduzidos por um estado de melancolia, diante dos empreendimentos esperados e, inconscientemente, voltamos aos primeiros movimentos de relações dos nossos romances familiares, nos quais as características infantis dominavam nossos impulsos e faziam frente às necessidades de enquadramento no mundo adulto.

No romance familiar, podemos acompanhar como foram nossas primeiras relações com os adultos a nossa volta. Essa fase contém relações comportamentais correspondentes ao que Freud (1996) denominou por Complexo de Édipo.¹ Nela, a criança aprenderia a conter seus instintos, emoções e desejos ambíguos e anti-sociais e enquadrar-se-ia nos parâmetros de fatos, pessoas e autoridades exemplares a sua volta. A partir da contenção de desejos, outrora multidimensionados, a imagem do Ego equilibrado seria o farol que direcionaria o sujeito por toda sua vida. O afastamento de si mesmo, como única

fonte de prazer; o afastamento da mãe, como objeto de gozo; a identificação em relação ao pai, no caso do menino, como fonte de procedimento institucional, são os componentes para o imaginário configurar o Ego em corpo e personalidade individuais, como Lacan (1994, p. 68) fala-nos sobre o estágio do espelho.

A ilusão da imagem constituída pelo estágio do espelho está, de certa forma, no nível do complexo de Édipo resolvido no período da infância. Ou seja, a natural ambigüidade afetiva daria espaço para toda uma afetividade com investimentos sentimentais e intelectuais exclusivos e permitidos. Os instintos agressivos e narcisistas, segundo a ótica do Complexo de Édipo realizado com sucesso, são recalçados e o amor e gratidão, para com os adultos próximos e suas instituições, são fortalecidos.

Por que, então, o adulto retorna, de modo usual, ao complexo universo infantil quando o sentimento de melancolia surge e compromete sua funcionalidade como sujeito maduro? Melanie Klein (1996), em seus estudos sobre a psique infantil, conta-nos que o sentimento de melancolia, de solidão e de insuficiência demonstram os embates entre o princípio da realidade e o princípio do prazer que ainda vigoram no adulto.² Uma espécie de movimento contínuo desse embate faz com o que adulto retorne ao período infantil, no qual a identificação com os valores positivos, consolidaria o Ego à sombra do Superego e subordinaria as ações do Id ao senso de realidade. Repetir-se-ia, pois, o estágio de acomodação psíquica que descortinaria o amadurecimento pessoal.

Tal quadro dar-se-ia dessa forma, se o processo de exclusividade egóica realmente aplacasse o caráter proteiforme da personalidade humana. Porém, parece que é a um estágio de descompressão de realidade que o adulto melancólico

pretende chegar, quando a partir da melancolia e solidão de sua maturidade, faz a volta à infância. Na esteira do pensamento pós-freudiano, podemos acompanhar como os sacrifícios para apaziguar as diretrizes de um Superego voraz não dão cabo das fantasias, afecções e movimentos em livre expansão, típicos do universo infantil e que também podem ter utilidade no mundo adulto.

Deleuze e Guattari (1966), seguindo as aberturas dadas à constituição do sujeito pelo lacanismo, que supera o estágio de integralização da miragem egóica especular, escreverão seu anti-Édipo, contrariando a interdição parental que o Édipo freudiano elaboraria para introduzir a criança nos meandros da civilização. Para esses filósofos neo-freudianos, a subjetividade madura teria sua compleição semelhante àquela infantil. Compreendendo por infância o período que não cessaria em uma determinada idade e, sim, continuaria com sua maleabilidade constitutiva e funcional por toda a vida do sujeito.

A constituição da subjetividade dar-se-ia, via sínteses conjuntivas inclusivas (DELEUZE e GUATTARI, 1966, p. 80), e não como a visão positivista de formação postula, via síntese conjuntiva exclusiva. Esta segunda modalidade implicaria no fato de o sujeito tornar-se uma subjetividade única, individual; ou seja, um repertório fechado de comportamentos e afecções, garantido por previsíveis identificações, controladas institucionalmente, com outros sujeitos. O menino identificar-se-ia com o pai e a menina, por sua vez, com a mãe, e seus afetos seriam ordenados e canalizados para ações sublimadas que assegurariam a continuidade de estruturas civilizatórias, como a ciência, a religião e a arte.

Quando à constituição de síntese inclusiva da personalidade, teríamos, segundo Deleuze e Guattari, a personalidade disposta em

[S]ingularidades vindas de todos os lados [que entram no fluxo da subjetividade multiforme], agentes de produção evanescentes. É a disjunção livre; as posições diferenciais subsistem e até adquirem um valor livre, mas estão todas ocupadas por um sujeito sem rosto e transposicional. (1966, p. 80-81).

Poderíamos, pois, perceber a melancolia do adulto, e a conseqüente evasão espaço-temporal para a infância, como sinais de um

redimensionamento de nossas crenças quanto à fixidez de um quadro de evolução. A melancolia, sensação de perda de algo que não se sabe ao certo o que é, indicaria um ponto de convívio natural entre princípio do real e princípio do prazer. A criança não estaria inativa em algum recôndito secreto do adulto e, sim, estaria agindo plenamente no adulto, possibilitando o livre curso de fantasias e ambigüidades afetivas que são necessárias para sua real compleição de sujeito transposicional.

A criança viva, que não pode ser morta sem gerar o colapso final da psique, recoloca o sujeito adulto no limiar de variadas escolhas que não trarão um produto final, como seria aquele da fase de maturidade pessoal definitiva. Assim, um entrecruzar de infantilidade e de comportamento adulto seria o campo de respostas para o sinal de alerta que, por vezes, soa no adulto envolto pela melancolia e pelo sentimento de solidão.

O sentimento de melancolia e de solidão do adulto, mais do que Klein nos indica ser, aponta para algo mais complexo do que subjetividades adultas culpadas, que estão em processo de reparação de objetos amados que são maculados e feridos no decorrer de suas vidas. Melancolia e solidão aproximam-se, ao contrário, de estados positivos que indicam ao adulto que há um excesso de peso, sobreposições demasiadas sobre o campo libertário, tão próprio do que seria a infância plena e distante dos protocolos culturais instaurados pelo regime de culpa, que ocasionam a ordem e diminuem a espontaneidade e a possibilidade do sujeito testar, em sua pele, subjetividades variadas e emoções diversificadas.

Tal como Bachelard nos orienta, melancolia, solidão e devaneios formam condições nas quais podemos ver novamente o clarão da eternidade baixando sobre a beleza do mundo. O mundo da infância, liberto no mundo do adulto que passa a ser enriquecido por contradições, ambigüidades, vontades de ações ilimitadas e, até mesmo, fantasias de onipotência criativa. Nesse contexto de deslignamento, que o estado de infância possibilita no mundo adulto, não teríamos a necessidade de reunir, sob uma série de coerções, todos os nomes e pessoas inventados e vivenciados, em nosso fórum íntimo, em uma unidade positivista de personalidade previsível. O controle de algum rei, célere em nos avisar que a hora de diversão, peraltices e pra-

zeres autotéticos acabou, atenuaria-se, e a criança poderia andar de mãos dadas com o adulto.

A melancolia, sensação de perda de algo que não se sabe ao certo o que é, indicaria um ponto de convívio natural entre princípio do real e princípio do prazer.

Autor

¹ Doutor em Literatura Brasileira e Docente da Faculdade de Letras da UFG.

Notas

¹ Os textos, em que melhor tal complexo pode ser compreendido, bem como a questão do luto e da melancolia e do romance familiar, são: Romances Familiares (1996), texto quase programático de exposição da dinâmica do Édipo no plano ontogenético; Totem e tabu (1996), texto metapsicológico em que se aborda o complexo sob forma ontogenética e filogenética; O mal estar da civilização (1996), outro texto metapsicológico no qual discute-se os sacrifícios que o princípio do prazer, reprimido e/ou sublimado pela equilíbrio edípica, faz em prol do princípio de realidade; bem co-mo em Moisés e o monoteísmo (1996), texto também metapsicológico, no qual Freud afirma a necessidade da abdicção da satisfação dos instintos para a consolição da civilização, mesmo que o preço disso seja uma irremediável ativação repressiva sobre o material reprimido.

² Klein diverge de Freud por analisar o complexo de Édipo já na primeira infância. Para Freud, esse processo de identificação só se estabelece quando há ação simbólica de elementos coercitivos advindos do Superego, o que ocorreria no fim da primeira infância e no fim da segunda infância, situação na qual o erotismo primário é direcionado para os mecanismos de sublimação.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Trad. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Trad. de Joana Moares Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos. Vol. XIII das Obras completas. Trad. de Orizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KLEIN, Melanie. O sentimento de solidão: nosso mundo adulto e outros ensaios. Trad. de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ... Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Trad. de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. Escritos 1. 17a. ed., trad. de Tomás Segovia. México: Siglo Veintiuno Editores, 1994.